

---

## O APAGÃO NO ESTADO DO AMAPÁ EM NOVEMBRO DE 2020: ENTREVISTA COM O PROFESSOR PAULO CAMBRAIA

---

Entrevistadores

**Emilly Patricia dos Santos Barbosa<sup>1</sup>**<https://orcid.org/0000-0003-3576-218X><http://lattes.cnpq.br/8513713192019914>**David Junior de Souza Silva<sup>2</sup>**<http://orcid.org/0000-0003-2336-4870><http://lattes.cnpq.br/4265076306351873>

Data de realização: 19 de fevereiro de 2021

Cidade de realização: Macapá/Amapá

### APRESENTAÇÃO

Esta entrevista é sobre o apagão energético no estado do Amapá, ocorrido em novembro de 2020. O convidado para concessão desta entrevista é o professor Paulo Cambraia, professor do curso de História e presidente do Sindicato dos Docentes da Universidade Federal do Amapá - SINDUFAP.

Ao longo da entrevista, professor Paulo Cambraia discute as causas políticas do apagão e suas consequências sociais. A distinção nos impactos do apagão segundo as classes sociais. As ações dos movimentos sociais, entidades e coletivos para proteger as pessoas em relação ao apagão. Os diversos tipos de ações que foram realizadas pelos movimentos sociais como campanhas de arrecadação, doação de água, alimentos, protestos nas ruas. A solidariedade como força social. E os efeitos ainda sentidos do apagão em diferentes regiões do estado.

O SINDUFAP tem realizado durante todo o ano de 2020 diversas ações de apoio às famílias atingidas pela *pandemia* e em condição de vulnerabilidade, e continua realizando estas ações no ano de 2021. Ações nas quais o professor Paulo participou diretamente na condição de presidente do Sindicato.

Durante o *apagão*, ao lado de diversos coletivos, associações e movimentos sociais, o SINDUFAP atuou na linha de frente, em todos os dias críticos, e em ações para tentar mitigar os impactos do apagão sobre as famílias vulneráveis em Macapá. É do lugar de linha de frente destas ações na presidência do SINDUFAP que Paulo Cambraia nos fala.

*1) Professor Paulo, em primeiro lugar muito obrigado por disponibilizar uma parte de seu tempo para nos conceder esta entrevista. Você esteve diretamente envolvido, junto aos demais importantes movimentos sociais no Amapá, nas ações de mitigação do impacto do apagão às famílias vulneráveis, a partir de novembro de 2020. Após a tempestade do dia 3 de novembro de 2020, o estado do Amapá passou 4 dias em total escuridão e sem*

---

<sup>1</sup> Graduanda em Sociologia pela Universidade Federal do Amapá. Integrante do Núcleo de Estudos sobre Etnopolítica e Territorialidades na Amazônia (NETTA/UNIFAP). E-mail: emy.barbosa011@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. E-mail: davi\_rosendo@live.com.

*qualquer divulgação da mídia nacional sobre o assunto. A partir da sua atuação na mitigação aos efeitos do apagão sobre a população, você poderia descrever um pouco sobre como foram esses dias para a população amapaense?*

*Paulo Cambraia:* Agradeço pela oportunidade de falar sobre esses eventos tão cruéis e dramáticos para a população pobre do Amapá, mas que ao mesmo tempo também proporcionaram ações grandiosas de solidariedade de várias entidades e organizações sociais, das quais destaco o SINDUFAP e o ANDES-SN.

Bom, falar sobre o temporal do dia 03/11 só deve servir como indicador do começo do apagão, mas não como a causa da explosão dos transformadores de energia. Estes entraram em colapso unicamente devido à falta de manutenção da empresa privada que administra o recebimento de energia no Estado. Para uma parcela da população o apagão significou transtornos, dificuldades, noites sem dormir; mas para uma parcela considerável da população o apagão significou uma verdadeira catástrofe em suas vidas já precarizadas! A essas famílias a fome, a sede, a pandemia e as doenças advindas de água contaminada foram massacrantes e impiedosas.

*2) A demora para a resolução total do problema da energia e dificuldade de acesso aos direitos básicos gerou revolta na população, que protestou em diversos bairros do estado. Você pode caracterizar esses protestos? Qual foi a postura do poder público e da mídia em relação a esses protestos?*

*Paulo Cambraia:* Protestos e reivindicações legítimas acima de tudo! Começamos com o contexto social anterior ao apagão que já era de privação de serviços básicos para a camada mais pobre da população, como por exemplo, a falta de fornecimento de água e saneamento para muitos bairros da cidade. Pessoas completamente esquecidas pelos serviços públicos! Assim, o apagão só intensificou de maneira dramática e desastrosa uma situação que já era complicada. Então, nós temos uma camada da população que durante os dias de apagão viu a vida ficar ainda mais precária e com uma reação do Estado (municipal, estadual e federal) extremamente lenta, confusa e mentirosa. Não restou alternativa a essas pessoas que não o protesto público, com o fechamento de ruas e rodovias e a queima de entulhos para chamar a atenção da sociedade, mídia e os poderes públicos para o fato de que a situação que já estava complicada com a pandemia se tornou desesperadora e catastrófica para essas pessoas!

É importante destacar que para uma parte da população o apagão significou transtornos e aborrecimentos, mas para essa camada da população que foi para as ruas protestar, o apagão significou uma catástrofe social que adormecia antes do apagão! A partir dos protestos e reivindicações de rua legítimos, o que nós vimos foi uma reação extremamente violenta da polícia e uma criminalização por uma parte da mídia e até de políticos locais tentando desacreditar e diminuir aqueles movimentos. Tudo isso frente a uma reação do poder público muito vagarosa e desorganizada. No período do apagão percorri algumas áreas mais pobres da cidade e nunca vi, por exemplo, na baixada Pará uma ação de assistência social por parte de órgão estatal nenhum!

*3) O apagão ocorreu durante a pandemia - onde medidas constantes de higiene são um dos principais meios de prevenção - impossibilitando a população em ter acesso à água, já que a companhia de abastecimento de água não atende 100% da população e boa parte das famílias utilizam de poços artesianos com bombas d'água que precisam de energia para funcionar. De que forma esses fatores trouxeram impactos para a saúde da população?*

*Paulo Cambraia:* sem dúvida uma parte da população que utiliza bomba elétrica para encher suas caixas de água sofreu transtornos durante as semanas de apagão. Mas, quero chamar a atenção para uma parcela da população que ocupa as áreas de *ressaca* na cidade, as chamadas *baixadas*, que teve problemas gravíssimos de saúde, principalmente as crianças! Isso porque a maior parte da encanação que chega até estas casas fica submersa na água da ressaca e as pessoas também utilizam bombas; com a falta de energia, as pessoas passaram a tentar puxar água a todo o tempo nos breves momentos em que possuíam energia. A encanação que já é precária passou a ser mexida constantemente e muitos canos começaram a rachar, causando infiltrações e contaminando a água que as pessoas consumiam. Então, sim foi um transtorno nas casas em terra firme que dependem de bomba de água, mas na casa das baixadas a somatória de encanamento precário e as pessoas desesperadas para obterem água ocasionou a contaminação da água consumida e a explosão dos casos de diarreia e infecção intestinal, principalmente nas crianças desses locais.

4) *Como você disse, foi divulgado inicialmente que o apagão foi causado por um raio que teria atingido o transformador durante a tempestade do dia 3 e posteriormente com a perícia foi constatado que o real motivo seria uma sobrecarga no sistema, pela falta de manutenção adequada pela empresa privada responsável. A população não foi indenizada pelos prejuízos causados, o reparo no sistema não foi realizado pela empresa privada, mas pela Eletrobrás, empresa pública estatal, e os custos do reparo foram transferidos para o cidadão brasileiro em suas faturas de energia futura. Além do prejuízo material, o dano humano, o sofrimento físico e psíquico gerado pelo apagão não são mensuráveis. Esta situação absurda recoloca o debate sobre as privatizações. Você poderia contextualizar a relação desta privatização com o apagão?*

*Paulo Cambraia:* Infelizmente nós sentimos na pele, corpos e mentes as consequências mais nefastas das privatizações, que, é importante que se diga, não começaram com o governo Bolsonaro. Temos que ter o cuidado de verificar esse longo processo iniciado de maneira intensa no governo FHC, as nuances do processo continuado nos governos do PT, até as pancadas finais recebidas no atual governo! Carlos Pronzato, cineasta argentino, realizou um excelente documentário sobre o apagão, se chama “Apagão no Amapá - quem vai pagar a conta?”, a narrativa do documentário explora principalmente o processo desastroso de privatização de energia no Brasil, mostrando infelizmente para nós amapaenses, o apagão como maior exemplo. E mais, no final das contas quem resolveu a situação foi exatamente a Eletrobras/Eletro-norte, empresas que continuam com seu braços públicos!

5) *Os sindicatos são instituições que principalmente lutam por direitos e defesa dos trabalhadores. Todavia, durante a pandemia e durante o apagão, o sindicato dos professores da Unifap teve como principal de suas ações a arrecadação de alimentos e produtos de higiene. Você poderia descrever um pouco destas ações?*

*Paulo Cambraia:* Sim, o SINDUFAP já vinha com uma ação de solidariedade desde o início da pandemia em abril de 2020! Conseguimos nos mobilizar e levantamos uma média de 200 cestas básicas mensais para serem distribuídas para as famílias em situação de vulnerabilidade. Com o início do apagão, nós estendemos essa campanha de solidariedade com divulgação nacional, principalmente entre as seções sindicais do ANDES – Sindicato Nacional (Associação Nacional de Docentes de Ensino Superior). Iniciamos com uma doação da ADUFPA e com a ajuda decisiva da CSP Conlutas – Central Sindical e Popular e do ANDES-SN conseguimos arrecadar ao longo dos meses de novembro e dezembro mais de 100 mil reais. Esses valores foram transformados em mais de 20 mil litros de água mineral e mais de 1500 cestas

básicas. Essa arrecadação toda nos possibilitou atender vários bairros de Macapá, assim como, comunidades remanescentes de quilombolas (em conjunto com SANKOFA e o Coletivo Utopia Negra), comunidades ribeirinhas, comunidades do Bailique, parteiras moradoras dos municípios de Mazagão e Porto Grande. Outra atuação muito importante que tivemos foi a solidariedade com algumas etnias indígenas cujas pessoas moram em Macapá, para isso acontecer foi fundamental o contato com a Simone Karipuna integrante da APOIANP (Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Amapá e do Norte do Pará). Em Macapá, atendemos principalmente as pessoas moradoras de áreas com alto risco de vulnerabilidade social. Conseguimos atender também os conjuntos habitacionais populares (Açucena, Mucajá, Macapaba e São José). Só conseguimos chegar em todas essas famílias porque contamos com o apoio decisivo de redes de solidariedade que já existiam antes mesmo do apagão. Então, sempre entrávamos em contato com essas lideranças, elas organizavam a lista de pessoas e a distribuição e nós entregávamos as cestas e água mineral nos locais combinados. Conseguimos também entregar para travestis, mulheres cis e transgênero em situação de prostituição! Foi um trabalho muito penoso, principalmente porque víamos que nossa oferta não era o suficiente para atender a todo mundo, mas ao mesmo tempo foi fantástico porque nos revigorou a crença na solidariedade de classes! A formação política é extremamente importante, mas naquele momento a sede e a fome eram determinantes e, nós de alguma, forma ajudamos diminuir aquela tragédia social.

6) *Falando sobre as ações que a sociedade civil organizou para mitigar os efeitos do apagão, as campanhas de solidariedade que já vinham se realizando em relação a pandemia se intensificaram durante o apagão. Você poderia caracterizar estas ações, e eventualmente citar os diferentes coletivos que realizaram ações de solidariedade? Inclusive com articulações regionais e nacionais?*

Paulo Cambraia: Sem dúvida a atuação solidária de entidades sindicais, coletivos e pessoas que se organizaram para ajudar as famílias mais atingidas pelo apagão foi espetacular! Se essas ações não tivessem acontecido, certamente a tragédia seria muito maior frente à morosidade e em alguns momentos a incompetência dos governos (federal, estadual e municipal) em realizar as operações necessárias para reestabelecimento da energia, assim como, com a assistência para as necessidades básicas da população mais pobre do Estado. Durante o apagão, nossa ação ficou muito próxima dos coletivos Utopia Negra, Sankofa, CUFA's (Congós, São José, Macapaba, Mucajá, Ponte do Axé). Essas redes foram fundamentais na divulgação, distribuição e acolhimento das famílias em vulnerabilidade social. Nossa campanha, por exemplo, foi toda levantada com doações de entidades sindicais do Brasil inteiro e não só sindicatos da educação, mas vários sindicatos de funcionários públicos participaram.

7) *Muitas lideranças e intelectuais pautaram a questão da invisibilização do Amapá a nível nacional. Pautaram uma indiferença da opinião pública nacional em relação ao drama vivido aqui no estado, apontando como causa para isto uma invisibilização do estado e da região amazônica na opinião pública. Como você enxerga este debate? Na sua visão como historiador, como liderança social e como amapaense, em que termos se dá essa dinâmica simbólica de invisibilização e indiferença em relação ao Amapá e à Amazônia, evidenciada na calamidade pública gerada pelo apagão?*

Paulo Cambraia: Sem dúvida que todas as instâncias sócio-políticas e mesmo na produção do conhecimento, difusão e relevância desses para o Brasil, estamos relegados de maneira muito pejorativa às margens! Na verdade, como já dito antes, o apagão apenas mostrou de

maneira estupidamente real todo esse processo. Ainda vivíamos em meio a isso tudo, pandemia e apagão, um processo eleitoral cujos interesses das famílias ricas e poderosas estavam em primeiro lugar na pauta de prioridades. Infelizmente o cenário político no Amapá se configura, na minha leitura, como um negócio de família! Aí nós tivemos nos três níveis (federal, estadual e municipal) as figuras tentando tirar proveito político eleitoral da situação. O caso mais emblemático/dramático/trágico nesse processo foi a atuação do Davi Alcolumbre, na época presidente do Senado, que tentou tirar o máximo de proveito para a candidatura do irmão a prefeito de Macapá, inclusive colando a sua imagem na do presidente Jair Bolsonaro que veio para Macapá fazer um teatro de que estava destinando esforços para resolver a situação local. E ainda tivemos a invisibilização que a mídia tradicional nacional decretou para o que estava acontecendo no Amapá, o que em alguma medida decorre daquele processo precário das margens já falado no início da resposta.

*9) As eleições municipais também foram afetadas pelo apagão, ao mesmo tempo em que o apagão também foi tragado para dentro da disputa eleitoral, como você demonstra. Em Macapá a eleição foi adiada para o dia 6 de dezembro, quando nos demais municípios – apesar de terem sido afetados igualmente pelo apagão - ocorreu normalmente em 15 de novembro. De que forma esse adiamento pode ter influenciado no resultado final?*

**Paulo Cambraia:** na minha leitura pessoal desse processo, não consigo perceber o adiamento da eleição como um fator determinante para o resultado das eleições. Acredito que houve um desgaste por parte do candidato apoiado pelo Davi Alcolumbre devido ao tempo maior para as contradições aparecerem. Na verdade, antes do apagão, tínhamos um cenário eleitoral bem complicado, os candidatos e a candidata com chances de vencerem a eleição estavam dentro de um mesmo prisma político administrativo. Acredito que, aí sim, o apagão e o adiamento da eleição contribuíram decisivamente para um cenário de terra arrasada e proporcionando a chegada ao poder de candidatos com evidentes projetos políticos familiares de poder.

*10) A narrativa é de que o apagão veio e acabou, foi resolvido, ou, como ficou comum ouvir: “a situação foi normalizada”. Porém, sabemos que muitos problemas causados pelo apagão ainda não foram solucionados. Você pode caracterizar um pouco estas consequências estruturais do apagão sobre as diferentes regiões do estado do Amapá?*

**Paulo Cambraia:** Essa é uma questão fundamental! O apagão atingiu de maneira diferente as várias realidades dos municípios do Estado do Amapá. Fiquei próximo/dentro da realidade de Macapá. Então, vou pegar como exemplo, a realidade de vários pequenos comerciantes das periferias e baixadas, porque muitos no início do mês de novembro, antes do apagão, haviam comprado todo o seu estoque para o mês. Essas pessoas perderam tudo! Ficaram com dívidas e mesmo depois com a situação resolvida essas pessoas continuaram com dificuldades financeiras. Sem contar o número gigantesco de eletrodomésticos queimados durante o apagão e mesmo depois com a energia reestabelecida, as várias quedas de energia e as constantes faltas tem atrapalhado a vida do amapaense até hoje.

*12) Diante de uma situação catastrófica como essa, e da forma como o poder público tratou a questão preocupado exclusivamente com fins eleitorais, um pessimismo se instala muito fortemente, de desesperança na política institucional e nas mobilizações sociais por um mundo melhor. Todavia, movimentos sociais, coletivos, ongs e sindicatos sempre foram muito atuantes no Amapá, e intensificaram notavelmente sua ação durante a pandemia e o apagão. Como você caracteriza a mobilização social no Amapá no presente e como esta mobili-*



*zação pode resgatar a esperança das pessoas em um projeto de sociedade mais justo e solidário?*

*Paulo Cambraia:* aqui tenho acordo com a caracterização de terra arrasada do cenário político que vc fez. E teremos muitas dificuldades doravante, não tenho dúvida, basta ver que mesmo com a atuação catastrófica e criminoso do governo federal/ministério da saúde que a cada dia só piora, vide o pesadelo que estamos vivendo a política de vacinação completamente atrasada, equivocada e deliberadamente negada pelo presidente, ainda sim é assustador o nível de aceitação desse governo. Aqui o que vimos e veremos é alinhamento explícito ou dissimulado da maioria dos políticos locais com o presidente. Porém, como você afirmou, a mobilização, organização e alcance dos movimentos sociais foram fantásticas quando se precisava de água e comida! Agora vamos nos organizar politicamente para lutar por um cenário bem diferente desse e do que se anuncia!